

Ninguém!

Já fui uma vez á casa onde habitavas.
Corri sala por sala, em toda a parte andei;
Em toda a parte ali vestígios que deixavas
Tão tristes de saudade, em triste os encontrei!

Na alcova o brando leito, e á cabeceira o Christo,
Pendido á negra cruz, que a tua prece ouviu;
De um lado o toucador, e sobre tudo isto
A mortaiha de pó que o tempo lhe vestiu!...

Na sala está o divan, ao lado da mesinha,
Onde murchada flôr, em vaso de crystal,
Recorda quanto a vida esvaesce-nos azinha,
Lembrando a amiga mão q' trouxe a do rozal...

Por cima do divan, pendido na parede,
De xê o espelho oval, que a poeira revestiu;
Em vão nele tentei, do pó limpando a rede,
Ver a imagem gentil que outr'ora reflectiu!...

Em vão vês-a busqui no quadro esculpido
Que o teu retrato ornou; apenas encontrei
Fincado na parede o prego prateado
Aonde, a te sorrir, eu mesmo a pendurei!

Na beira do telhado, ao canto da janela,
O vaso inda lá vi que as violetas tem.
Cresceu, nelle medrou a planta; e a flor singela,
Que a tua mão plantou, irá colher-a quem?...

Um dia... (foi no dia cinco de novembro!)
Te arrufaste comigo e te fizeste má;
Rasgaste um beijo todo... ah! todo! bem me lembro!
E atiraste-o no chão!... Pois bem! inda lá está!

Em toda parte, pois, vestígios teus achara,
Atas pallidos, sem cõr, sem formas e sem luz!
E tudo, tudo, sim, tua imagem me lembrava,
Atas qual na campa o morto ao vivo lembra a cruz!

Eximios de gubernação meu rei

Soltando a voz cantos, alli, sazius, afflicto,
Ao proprio coração, qual se fallára a alguém,
- Ninguem existe aqui? - em perquentei sem gritos;
Baixinho o coração me responde: - Ninguem!
onde a tal e tal abid

Nov. 77. ~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

~~Eximios de gubernação meu rei~~

Por um sapatinho de setim

Não te coíheço; nem mesmo
Preciso saber quem és;
Basta que eu saiba q' és dona de
De uns microscopicos pés.

Podes ter o labio rubro,
Cabellos negros, ou não,
Tez morena, olhos de onix
Setim, marica mão.

Podes ter cintura esvelta,
Ombros e rijos quadris,
Seios de estatueta de mármore,
Gestos e modos gentis.

Podes ter outros encantos,
Qu'importa! eu sei q' tu és,
(Tanto me basta p'r'amar-te),
At dona dessas teus pés!

— * —

Estrela e flor

Triste, triste... Quem te enfeitava
Em a luz dos olhos assim? ~~em visões~~
Pois tuas faces de rosa ~~em~~
Em se transformada em branco jasmim?

onde... allora em teu filho?... não choras!

Foi uma flor que murchou...
Outra flor, a da saudade,
ela tu'ahua desbrochou.

Quando uma criança a morte

Envolve no denso véo,

Na terra uma luz se apaga,

mas brilha outra luz no céu!

Além, no manto da noite,

Que de Deus o manto é,

Luz nova estrela; - é teu filho,

Flor de esperança e de fé.

Por um sapato de feltro

Feliz a mãe q' da terra desce
Alais uma estrela ao céu dá! to
Tem uma lanterna acesa
Que nas mãos de Deus está.

Estrela e gl'ria repartiu-se
Entre a mãe e o creador:
Combe a Deus no céu a estrela,
Tu tens a saudade, a gl'ria.

L'addio

I

Eu sei q' vais partir, eu sei que vais ficar
Posto entre nós o céu, posto entre nós o mar!
Em vão! o céu não pôde o mar, não pôde o céu, em vão!
Fazer o q' não fez a dor da ingratitude!
Aonde quer que vás, aonde quer que a sorte
Teu gentil corpo leve e a alma te transporte,
Ota patria vivas tu, ou vás viver talém,
Olink' alma presa a ti contigo irá também!
Em vez de entre nós pôr o mar, o céu, a terra,
O vaeuo entre nós põe, os olhos á luz cerra,
Entrega o corpo ao véme, a alma entrega a Deus,
Olink' alma e vida e amor ainda serão teus!
Pois sabe enfim, mulher, q' a dor q' me transporta,
Dinto a por te julgar agora e sempre morta!...

Ben morta estás, sim, ben morta!...

Diz-me o a dor, diz-me o a razão!

Pulse ambira o coração

oito

Tremulo ao vêr-te passar,
Embrapaçada minh'alma,
Quando tu fallas sorrindo,
Pisa tua voz escutar,
Bem morta estás, sim, bem morta,
Pois é morrer não amar!
Sete annos, é que na estrella
Que á noite no céu fulgura,
Tejo no céu debruçada
Tua pallida figura;
E' q' a aragem q' murmura
Das ondas dos barajados
Nella lombra a voz peregrina
Da tua falla divina,
Vibrada como em crystas!

Sete annos, é q' na rosa
Te vejo a boca vermelha,

É que me recorda a abalho
Tua cintura mimosa;
É que as gotas de sereno
No calix alho da flôr
Lembram-me o pranto dorido,
Gota por gota cahido
De teu rosto no pallor!

Se te auso, é que os novêllos
Da nuvem q' o sol dourou
Elle recordam teus cabellos,
Que o vento descurtoun;
É que outra nuvem serada,
Que a lua inunda em clarão,
Elle lembra o alho rougrão
Que teu corpo agazalhou!...
A concha teme, rosada,
Que abras parolas esconda,
É que á praia arrojá a onda

Não esprequizar das marés,
Lembra o rosado pantufo,
Onde com quédico arrufo
Tu escondias teus pés!...

Se te amo, é que nos cheiros
Das flores as mais gentis
Sembro os perfumes subtis
De teu halito de flor!

Se te amo, é que sujeita
Não está ás leis da existencia
Esta grata e pura essencia
Dos ditames do Senhor,
A' qual chamamos - amor!

Eu te amo, pois, na luz, na estrella, no perfume,
Nas auras, no luar, das flores no matiz;
Eu te amo como o Dante amou depois de morta
A estrella q' no céu se chama Beatrix!

Pois sabe, enfim, mulher, é a dor que me transporta,
Sinto-a por te julgar agora e sempre morta!..

Ellas, pois é vais partir; mas, pois é vai ficar
Posto entre nós o céu, posto entre nós o mar,
Mas uma vez ainda escuta os cantos meus,
Que nestes cantos vai dorido o extremo - adeus!

II

Oh! parte! parte!... vai longe,

Rosa, expandir-te a outro sol!..

Das ondas o anjo lançol

Seja-te flores tapiz;

Cada conchinha da praia,

Cada murmúrio da vaga

Diz-te-ha o bem que eu te quiz...

E, se infeliz tu me fazes,

Faze-te, ao menos, feliz!..

Ai!

Oh! parte para sempre, vai!

Oh! parte! parte!... vai longe
Ver outro céu de outro azul!
Das frescas auras do sul
Respira os haustos sublis!
Cada perfume é aspiras,
Cada estrela q tu miras
Dir-te-ha o bem q eu te quis...
E, se infeliz tu me fazes,
Faze-te, ao menos, feliz!...
Ati!

Oh! parte p'ra sempre, vai!

Oh, se acaso algum dia as tranças húmidas
Desatar-te o arfar de auras do norte,
Volta aos céos as gentis palmebras húmidas,
- Que este sôgo te vai falar de morte!

Entre o banho e o espelho

Nas arcias da extensa plagua esquecida,
Nos segredos da brisa das savanas,
No perfume da flor do lotus pallida,
Nos rendados tecidos das lianas;

Nos anccios da raga, nos murmurios
Que os arvores segredam nas alfombras,
No silencio que alim cerca os tuqueiros
Do arvoredo nas mestas, negras sombras;

Onde quer q se escutam sons aereos
Da canção q murmure o vento norte,
No teu seio de edenicos mysterios
Colherás o meu cantico de morte!

Talvez, da magna antão levada enfim ao cumulo,
Dorido a palpitante de novo o peito sintas,
Talvez á voz do amor, coada d'entre o humulo,
Reviram na tua alma as crencas ora extinctas!

Então, confradeida á voz dos meus martyrios,
 Coheudo dentro d'alma os tristes cantos meus,
 E o pranto a te revelar da face os brancos lyrios,
 Talvez soltes um ai! me ouvindo o extremo adeus!

III

Oh! parte! parte, pois! pôde entre nós ficar
 A terra, o céu azul, o espaço, o vasto mar;
 E a terra, e o mar e o céu, após os passos teus,
 Repitam-te meu canto — Adeus! adeus! adeus!...

Jan. 73.

Entre o banho e o espelho

Ella ia entrar no banho. O esposo, todo arrefo,
Dava costas a tã, e olhava... não sei quê.
Ela as tranças soltou, do pé lança o pantufo...
E o pantufo, o pé nu, cabelos negros soltos,
Tudo, tudo reflecte ao fundo o psyché.

E o esposo, mais attento além olhando, vê!

Da fronte se lhe esvaha a ruga impertinente,
A' flôr do labio delle assõna o brando riso;
Para a esposa se volta alegre e já contente...
E o inferno se desfaz, a alcõva é um paraizo!

Entre o banho e o espelho, ao pé do leito estava
O altar, arca da paz, o iris da bonança:
Era um barco de rima; e nelle se mostrava
Branca e loura e gentil cabeça de criança!

Carta a D. João de Castro
7

Dois filhos o amor santo abafa protector

Os accusos, o odio, o inferno do outro amor!

Junho 1878.

Os seus cabelos

Não são de ouro os seus cabelos,

Negros não são;

Não são ruivos, nem castanhos,

Ai! não! são, não!

Atas quando em ondas revoltas

Cahem no collo em novellos,

São frouxos froucos de sedagem e

Os seus cabelos.

Da luz que neles reflecte

Tomam então

Os tenues tons alourados,

E de ouro são.

E, se o semblante lhe envolve

Aquella dourado véo,

Vejo em rufos debrucado

Um rosto de anjo do céo.

ochocho aros 20

7

-11-

Quando na sombra da tarde

Sob os gestos,

Os seus cabelos cingentos

Ficam entoados.

Naquella côr duridota

Que lhe encobria a lisa testa

Se amigalhava, brincando,

Da nuca a sêta.

Então congradas perdura

A escura côr

A' côr sombria da nuca

Da nuca a dôr.

E assim cingido o seu rosto

Daquella nuca sombria,

Semelha o rosto da estatua

Da triste melancolia.

De á sombra negra da noite
Saltos os tem,
Seus cabelos negros, negros
Ficam tambem.

Não de escomilha de seda,
Crepe de luto em novelos
São de noite, na almofada,
Os seus cabelos.

Tiveram sombria q' o vento
O céu soprou,
Agora em que o somno a dormida
Atgazalhou.

Atos vêr-lhe o pallido rosto
Entre aquella escuridão,
Eu vejo a noite dormindo
Atos collo da creação.

A alcova

De setimoes papel gris-perle e ouro.
Sua alcova espaciosa está forrada; e no
Estinge os murcis todos de um tom louro.
Pelas duplas sauzas luz coada. ~~os~~

No centro, marchetado á madreperola,
Fôfo leito de brancos cortinados,
No tecto pende a cup'la de cor cerula,
No ar vagam perfumes delicados.

Aqui uma cadeira posta a êsmo,
Alais além um divan, molle concheço,
Espelhos... uns pantufos... livros mesmos,
Uma lampada.... um cháos no estylo grego.

Nas paredes, aqui e além pendidos,
Lembram quadros a fabula pagã;
E, fallando aos olhares e aos sentidos,
Tudo, tudo revela a cortezã....

Artículo 4

7

Mar ao fuido, peço dido, e pmo ser visto,
Ou visto de quinto rã sómente quer, lo sub
Pende em cruz de uad firi na Santo Chisto,
Que afasta a corteja, - mostra a milhel!

—

Alce farbam i abelidiam, atã to
obauito occurã de dita ofo
Alce rã de aliã a curã de curã
obauito occurã de dita ofo

Apri una cordia pãta a tãna,
Alce alã um bira, mãta corãto
Apri una cordia pãta a tãna,
Alce alã um bira, mãta corãto

Alce farbam i abelidiam, atã to
obauito occurã de dita ofo
Alce rã de aliã a curã de curã
obauito occurã de dita ofo

Finis -

Sólto-as ao vento, espalhadas,
As cinzas do coração.

São as folhas calcinadas

De uma flôr morta em botão;

São as notas soluçadas,

Intimamente vibradas

Em não ouvida canção...

Sólto-as ao vento, espalhadas,

As cinzas do coração.

Atão mais discerne meus lábios,

Queimando-os, o nome seu,

Atém mais murmure minha alma

As queixas que concebem!...

E, se os olhos delata um dia,

Queer na dor, queer na alegria,

Busquem meus recessos não,

Encontrem cinzas somente,

FINIT

9

Que eu rasgo as folhas do livro

Em que ella não soude ler

Poderia eu dizer que soude ler

Que eu rasgo as folhas do livro

Em que ella não soude ler

Poderia eu dizer que soude ler

Que eu rasgo as folhas do livro

Em que ella não soude ler

Poderia eu dizer que soude ler

Que eu rasgo as folhas do livro

Em que ella não soude ler

Poderia eu dizer que soude ler

Que eu rasgo as folhas do livro

Em que ella não soude ler

Poderia eu dizer que soude ler

Que eu rasgo as folhas do livro

Em que ella não soude ler

Poderia eu dizer que soude ler